

## **DESIGUALDADES EM VERSOS: A CULTURA CABOCLA DO TERRITÓRIO DA REGIÃO DA GUERRA DO CONTESTADO, POR MEIO DAS DÉCIMAS DE ADEODATO MANOEL RAMOS**

**Nilson Cesar Fraga<sup>1</sup>**  
**Gustavo Martini Delfine<sup>2</sup>**

### **Resumo**

O objetivo desse trabalho se dá por meio da análise do território do sertão e da Guerra do Contestado a partir da interpretação dos versos em forma de décimas deixadas pelo último líder caboclo Adeodato Manoel Ramos, representando a imagem do sertão caboclo no Contestado e desconstruindo a imagem demonizada que o líder caboclo sofre até hoje. Por meio das décimas é possível observar um líder social que lutava além de tudo contra as desigualdades que eram impostas ao povo sertanejo. Deixando nas poucas décimas que lhe são associadas, diferentes críticas sobre a fome que passava o povo caboclo em guerra, a falta de oportunidade e a violência desse conflito ocorrido oficialmente entre os anos de 1912 e 1916. Busca trazer à tona a representação cultural por meio dos versos que se transformam na voz cabocla por intermédio de Adeodato, que lança por meio de sarcasmo um olhar sobre o mundo caboclo.

**Palavras Chave:** Território; Geografia Cultural; Região do Contestado; Adeodato Manoel Ramos.

A Guerra do Contestado, ou como chamada por Queiroz (1977), Guerra Sertaneja do Contestado, é desde sua origem etimológica pertencente ao sertão, pois versa sobre o povo sertanejo da região do Contestado. Tal termo, possui diferentes abordagens no uso comum e nos estudos científicos, sendo que para a Geografia, o sertão corresponde a vastíssima região interiorana brasileira (FADEL FILHO, 2011). Tendo em vista que a colonização do Brasil ocorreu nas regiões litorâneas e que durante o período Colonial e Império a economia brasileira era voltada para a exportação (ABREU e CORREA, 2010), desenvolveu-se a região próxima ao Oceano

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – ncfraga@uel.br

<sup>2</sup> Graduando em Geografia – Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Bolsista PROINEX - Fundação Araucária de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Paraná - gustavodelfine@gmail.com

Atlântico, enquanto o vasto espaço continental interiorano ficou como uma terra sem lei, explorada principalmente para a criação de gado e habitada por milhões de indígenas e povos tradicionais, tais como os caboclos.

Para Moraes (2003), o sertão não se qualifica como um lugar com características físicas identificáveis, isto é, não são os elementos em sua paisagem que definem se um local é ou não sertão. Sendo assim, o sertão não é uma obra da natureza. Menos ainda se qualifica como algum tipo específico de sociedade e suas atividades com o espaço geográfico, sendo o sertão um conjunto indissociável de diversos grupos humanos constituintes da formação socioterritorial brasileira. Considerando tais fatores, é fundamental para o/a pesquisador/a da Geografia especificar com qual sertão está trabalhando, como no caso aqui apresentado, onde se estuda particularidades do sertão catarinense, na região específica do Contestado, região do desenrolar da Guerra do Contestado.

Em uma perspectiva regional sulista, o Contestado se caracteriza entre a região do Planalto Norte e parte do Meio-Oeste catarinense, acrescido das regiões Sul e Sudeste paranaense, recebendo tal denominação ao se considerar o território disputado por ambos estados, em uma questão limdeira, resolvida por um acordo de limites, em outubro de 1916. Essa região sulista possuía sua base socioeconômica assentada, principalmente, na coleta da erva mate, na criação de animais de tração, como gado e mulas e na criação de porcos, sendo parte da sustentação econômica do Paraná Tradicional e da região Serrana Catarinense, sendo que o poder local/regional se concentrava nas mãos de grandes proprietários de terras, sobretudo com coronéis, que regiam o poder político nas cidades e vilas, notadamente em Porto União da Vitória, Palmas, Canoinhas, Curitiba, Campos Novos e Lages (FRAGA, 2012).

A região era influenciada pelo cristianismo, sendo no caso caboclo, por um catolicismo sertanejo – o catolicismo rústico dos sertões. Embora houvessem padres e freis que atuavam nas cidades e vilas, a maior parte da população cabocla era devota dos monges peregrinos que cruzavam a região de tempos em tempos, além de outros curandeiros e rezadores que passavam pelo Contestado, desde meados do século XIX. O maior destaque se deu nas figuras de João Maria De

Agostini, João Maria de Jesus e José Maria de Santo Agostinho, que circularam pela região entre 1850 e 1912 (FRAGA, 2017).

Caboclos e caboclas que viviam no espaço geográfico do sertão do Contestado, transformaram a região em seu território de uso e organização de vida, isso desde antes do tropeirismo formar seus caminhos sulistas. Para Raffestin (1993, p. 7-8), *o território não poderia ser nada mais que o produto dos atores sociais. São eles que produzem o território, partindo da realidade inicial dada, que é o espaço. Há, portanto, um “processo” do território, quando se manifestam todas as espécies de relações de poder*. Nessa perspectiva, o território do Contestado se constrói das relações de poder nele incluídas, tendo o poder dos coronéis dos latifúndios no centro de tais relações, deixando o povo caboclo à margem de tais poderes, em relações de dominação e controle social, sobretudo a partir do apadrinhamento, sendo esses agregados das fazendas dos coronéis e de outros fazendeiros, na condição de peões.

Entretanto vem dos caboclos e caboclas - sertanejos -, a construção simbólica daquilo que viria ser o Contestado hoje, como apontado por Haesbaert (2007, p. 47), o território trata de *uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico (que também é sempre, de alguma forma, natureza)*. O conceito território trabalhado aqui, considera uma construção mista entre a visão dos estudiosos - Raffestin e Haesbaert -, estando associada as relações de poder nelas contidas, seja inicialmente exercida pela liderança dos coronéis, pelos monges, pelos líderes caboclos ou pelo Governo, tanto dos estados como da União. Mas, considera ainda, o contexto socioambiental envolvido na cultura dos sertanejos do Contestado, a partir do modo de vida herdado do processo de formação socioterritorial desde a entrada de europeus, africanos e seus contatos com os povos indígenas que habitavam a região, formadores de um caldo humano que está na base dos elementos socioterritoriais que envolvem a própria Guerra do Contestado.

A Guerra do Contestado ocorreu, oficialmente, entre 1912 e 1916, deixando como herança a morte e perseguição de milhares de caboclos e caboclas que viviam e trabalhavam nas terras daquela região, desde pelo menos um século antes da entrada do capital estrangeiro na região. Seu

início formal se deu por conta da perseguição policial paranaense com o grupo que seguia o monge José Maria de Santo Agostinho, formado por trabalhadores e trabalhadoras despejados de suas terras a partir da construção Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e conflitos coronéis regionais.

A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande foi uma obra erguida sobre a porção do Contestado habitada pela população cabocla, construída pela *Brazil Railway Company*, do empresário estadunidense Percival Farquhar, que recebeu do Governo Brasileiro a propriedade sobre uma faixa de 15 quilômetros em cada margem da ferrovia, dela, surge a *Brazil Lumber & Colonization Company*, conhecida como *Lumber*, do mesmo proprietário, destinada a extração madeireira e (re)colonização sobre as terras caboclas.

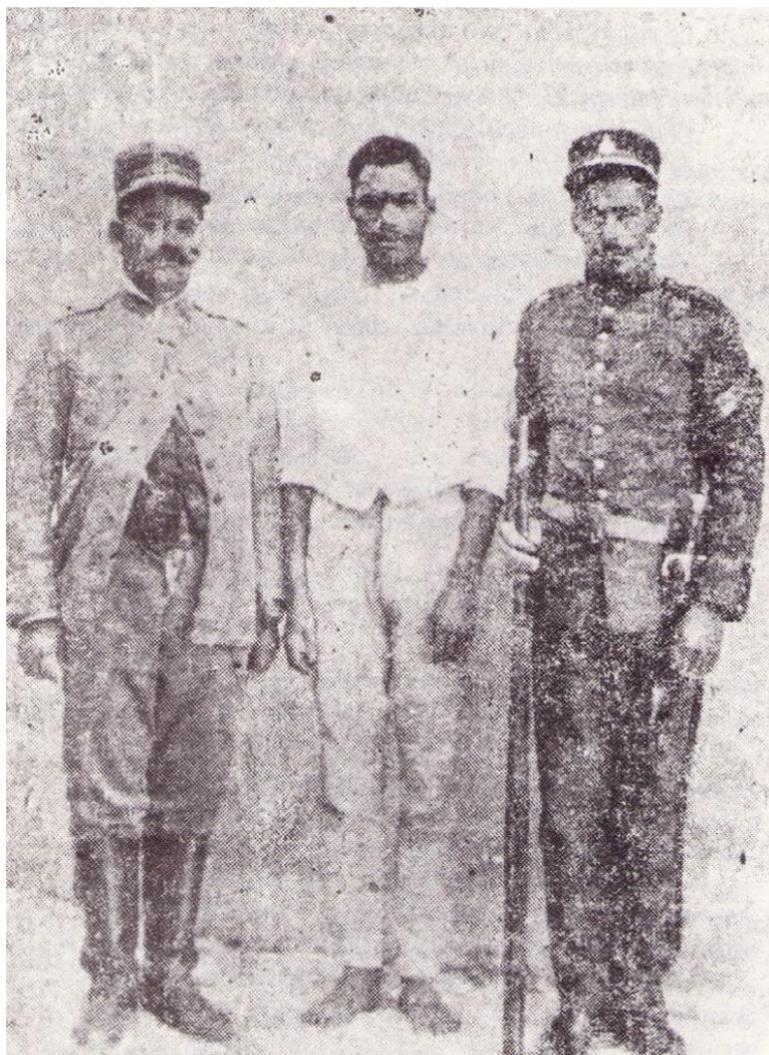
A aglomeração dos “pelados”, como eram chamados os rebeldes caboclos, em torno do monge e curandeiro José Maria é de fundamental importância para a compreensão do movimento socioterritorial do Contestado, que o difere de outros conflitos de origens messiânicas, tais como foi o da Guerra de Canudos. No Contestado, o monge-líder gerador do combate no Banhado Grande, em Irani, morre ainda no primeiro combate desencadeado pela polícia do Paraná, porém, mesmo morto seguirá exercendo influência mística e simbólica entre a população cabocla, até o fim da guerra.

Após a morte de José Maria, os sertanejos passaram a esperar que ele retornaria acompanhado do Exército Encantado de São Sebastião, santo cristão, padroeiro dos sertões e envolto na fé secular regional. Com isso, diferentes líderes assumiram a frente do movimento socioterritorial, alguns devido as suas habilidades em combate, outros por suas proximidades místicas com o monge e, por fim, Adeodato Manoel Ramos, último líder caboclo que enfrentou as tropas federais no cerco do Vale de Santa Maria, na Páscoa de 1915.

Nascido em 1887, um ano antes do fim formal do regime de escravização da população negra brasileira, Adeodato Manoel Ramos, o último líder caboclo, representado ao centro da figura 1, teve sua juventude ligada ao tropeirismo, em uma fazenda em Cerrito, nos arredores da cidade de Lages, adquirindo daí seu vasto conhecimento da região. Esse personagem é marcado por uma demonização secular, tanto pelos que lutaram ao seu lado, que em diferentes situações alegaram ter

adentrado ao movimento “fanático” por medo do líder cruel, quanto por seus oponentes, tendo sido apontado pela imprensa da capital catarinense, de maneira exagerada, que com suas próprias mãos tinha matado mais de 600 pessoas (MACHADO, 2004, p. 309).

**Figura 1:** Adeodato (ao centro), acompanhado por dois policiais catarinenses.



**Fonte:** Jornal O Estado, de Florianópolis, 1917

O fato é que ele assumiu a liderança do movimento socioterritorial do Contestado com apenas 27 anos, considerando outras lideranças que em muitos casos eram veteranos da Revolução Federalista, o manteve nas frentes de combates e organização das vidas nos Redutos, entre dezembro de 1914 e janeiro de 1916, período dos maiores combates entre caboclos e as tropas oficiais republicanas, que ainda lidavam com a fome, ocasionada devido ao cerco por parte do General Setembrino de Carvalho, e que com a falta de saneamento que envolvia a população aglomerada nos redutos, lidava também com epidemia de tifo, que tirava mais de 30 vidas nos redutos por dia (MACHADO, 2004, p. 306).

Adeodato era analfabeto, homem negro, representava muito bem a classe social que habitava o Contestado no início do século XX, embora o conflito tenha apresentado grande diversidade de classes sociais e raças. Destacou-se como um trovador, tendo autoria apontada em algumas décimas, inclusive em seu julgamento no tribunal, em Curitiba. É descrito por Paulo Pinheiro Machado como um homem sarcástico, importante ponto para a interpretação de suas décimas, como apresentado na sequência:

“[...], quando o chefe da polícia indagou (diante dos repórteres) sobre os motivos da execução de muitas pessoas nos redutos, Adeodato afirmou que teve que matar muita gente que estava saqueando. Ato contínuo, foi interrompido pelo delegado, que retrucou se isto era possível, já que o saque era comum entre os “fanáticos”. Adeodato simplesmente respondeu: “Sim, todos nós somos malvados!” (MACHADO, p. 318).

Por fim, Adeodato é condenado a 30 anos de prisão pelo Processo Apelação Crime nº 1121, na cidade de Curitiba. Sob a acusação de ter praticado oito homicídios, esses que incluem mulheres e crianças. Entretanto, Adeodato sempre se colocou como um defensor das crianças, afirmando com um semblante triste que “nunca matou, nem mandou trucidá-las”. Falece em 1923, devido a uma suposta tentativa de fuga, da Cadeia Pública de Florianópolis.

Com o fim da Guerra do Contestado, os acontecimentos registrados no período da guerra e depois dela, são silenciados, surgindo, nas décadas seguintes versões oficiais que lança a culpa dos fatos ocorridos sobre a população cabocla (FRAGA, 2019). Os aspectos da cultura religiosa e do

modo de vida caboclo do Contestado foi por muito tempo deixado de lado pelas Ciências Humanas e Sociais, com pouquíssimo material bibliográfico produzido, excetuando os relatos militares, o Contestado na história militar e oficial do Estado. Entretanto ressurgem em autores como Euclides J. Felipe uma tentativa de folclorização da cultura cabocla, dando voz a aqueles que por muito tempo foram esquecidos. São deste autor, o agrupamento de alguns registros das décimas proferidas por Adeodato Manoel Ramos, que são de suma importância para a compreensão de parte da cultura sertaneja cabocla, bem como, entendimento a partir delas sobre o cotidiano e as vidas nos redutos e no sertão do Contestado, sobremaneira, durante o período de 1912 a 1916.

Em uma dessas décimas trazida por Felipe se passa no período quando Adeodato já se encontrava na cadeia esperando o andamento do processo, quando vítima da curiosidade popular, respondeu de bom grado, por meio da seguinte décima:

“Têm vancêis me interrogado  
Quantas cola eu aparei?  
Não dô conta dos meus ato  
De onde lá eu era rei,  
Só vô dá minhas respostas  
Na Justiça se é de lei.  
Se disse que foi quinhentas  
É mentira, não contei,  
Se disserem que foi mil,  
Mais de mil, respondi,  
Bem por isso suas pergunta  
As respostas eu não sei:  
Mas se hai ressurreição  
Dei descanso, não matei.  
Otros cá tão indagando  
Que é que acho de tá preso,  
Arrespondo, faço poco  
E afirmo com desprezo,  
Eu não durmo de barrete  
Tenho os óio sempre aceso.  
Home bão não fica preso  
Ele morre mas não cede,  
Nêgo xucro não tem hora  
Nem parece que o vede.  
Sendo ele destemido

tiro ronca, porva fede,  
Pois sô cabra que conhece  
quantas braça o mundo mede!”

Logo no começo já é possível identificar o tom satírico de Adeodato, respondendo os boatos que teria matado mais de mil pessoas de maneira humorada “Se disse que foi quinhentas é mentira, não contei, se disseram que foi mil, mais de mil, responderei”. Ainda retomando esse tom e entrando no assunto religioso, diz que deu descanso aos homens e não os matou. Importante destacar que na Geografia Cultural e, nas Ciências Humanas de maneira geral, não há estudos sobre décimas, mas é possível fazer uma aproximação por meio de uma geografia da Música, que tem despertado interesse nas últimas décadas, notadamente no que concerne com a etnologia, a história e a sociologia. Uma explicação para tal interesse se encontra na interface com uma geografia moderna, mesmo que a mais de um século se encontrem trabalhos que liguem música e Geografia, sua produção efetiva é mais recente, principalmente quando se observa a partir da atenção de geógrafos e geógrafas para estudos sobre as manifestações artísticas na sua dimensão espacial (PANITZ, 2011).

Com o advento de materiais disponibilizados nas formas digitais tem ampliado tal campo de estudos pela Geografia, com maior difusão nos Estados Unidos, Inglaterra e França, enquanto que no âmbito latino-americano há pouca difusão, excetuando o Brasil, onde é possível se encontrar uma série de trabalhos defendidos e artigos sobre a temática em questão, que permitem, de certa maneira, ampliar as análises sobre a cultura cabocla e, no caso aqui específico, as décimas proferidas e registradas por Adeodato Manoel Ramos.

A população cabocla sertaneja possuía uma cultura patriarcalista, o próprio Adeodato quando descobre que sua mulher Maria Firmina da Conceição o traía com o negro Germano, assassina os dois, um procedimento que seguia a regra sertaneja de defesa da honra naquele momento histórico, mesmo não havendo comprovação de tais atos, a mesma é registrada pela história oral, sobretudo das pessoas que viviam ao seu redor durante a guerra. Ainda nessa décima, o antigo líder caboclo afirma que “Home bão não fica preso, ele morre mas não cede”. Retomando

essa imagem de homem como figura central, que levaria sua honra acima da própria morte e, ao mesmo tempo, permitindo entender que mesmo sendo condenado, ele não se cederia a possíveis interesses dos que o julgavam – seja no tribunal ou na sociedade envolvente. Ao se considerar um “homem bom”, não deixa claro se isso envolve o bem ou se apenas era um bom guerrilheiro, no manejo da espada e do revólver. Podendo ser, ainda, uma alusão aos que o julgavam, que possuíam as mãos tão sujas de sangue quanto ele, um caboclo de briga – ou seja, que a justiça burguesa brasileira não deixaria prender e condenar um homem das elites, mas apenas o que consideraria não bons, no caso, os caboclos, a exemplo dele próprio. As décimas feitas por Adeodato, entrariam aqui a partir do estudo da música, que vai além da localização de onde fora produzida, avançando para detalhes da sua produção, que também extrapolam a questão estética:

“o trabalho geográfico sobre música teve até pouco recentemente uma tendência de restringir-se ao mapeamento de difusão de estilos musicais, ou analisar o imagético geográfico nas letras de canções, trabalhando com um restrito deliberado sendo de geografia, oferecendo o ângulo de um geógrafo fincado ao chão, ao invés de se perguntar o quanto uma abordagem geográfica pode refigurar o próprio chão que pisa. Ao contrário, nós procedemos com uma compreensão que, ao injetar geografia na música, poderá produzir um efeito análogo a que David Harvey advoga na relação com a teoria social: “Ao inserir conceitos de espaço em qualquer teoria social, se produz um efeito de borrar/confundir as proposições centrais daquela teoria”. *The Place of Music* apresenta espaço e lugar não como simples locais onde a música é fabricada, ou de onde ela é difundida/ ao invés disso, diferentes espacialidades são sugeridas como formadoras do som. [...] Considerar o lugar da música não é reduzi-la a sua localização, estabelecer um ponto exato no espaço, mas permitir uma abordagem rica em estéticas, culturas, economias e geografias políticas da linguagem musical” (LEYSHON, 1998, traduzido por Panitz, 2011).

Ainda na prisão aguardando julgamento, Adeodato é visitado por um xará, Francisco Adeodato de Oliveira. O caboclo agradece a visita e pede um cigarro, inclusive decimando sobre o pitar do cigarro, demonstrando uma típica cena de presídio, quando os cigarros se tornam companheiros fundamentais para os presos, como se pode verificar na sequência:

“Meu amigo, meu tocaio  
Estimei li conhece,

Li desejo boa saúde  
Muitos anos pra vive.  
Só li peço que me brinde  
Com um pito bem aceso,  
Hoje aqui me farta tudo  
Não vencido, mas tô preso.  
Quando eu andava sorto  
Me tratavo como irmão,  
Hoje que aqui tô preso  
Eu só fumo se me dão.  
Tando aqui nesta cadeia  
Emagreço, perco o peso,  
Pra vencê me vê fumá  
O Cigarro dai-me aceso  
Meu cigarro perfumado  
Queime inté o dia creará  
Éis o meu mió amigo  
Nunca hei de te larga  
Obrigado meu tocaio  
Por tê me dado este cigarro,  
Eu me sinto sempre libre  
Quando nele me agarro”.

Embora pesando a imagem de Adeodato como um demônio, o Flagelo de Deus, ele se mostra nos momentos finais de liberdade como um homem humilde e simples, assim como eram as pessoas do sertão, afinal, já não era mais o líder máximo que varou o Contestado causando o terror para seus inimigos, ele se encontrava sobre a tutela da justiça. Os sertanejos viviam sob o manto do mantra (em um sentido vulgar) do monge José Maria de “quem tem, mói; quem não tem, mói também; e no fim todos ficam iguais”. A vida nos redutos seguia essa visão de mundo de partilha e acolhimento, onde todos e todas eram irmãos e irmãs, em um profundo sentimento de coletivismo, sendo que era proibida a venda de víveres dentro da própria comunidade.

Tais traços de irmandade, ou mesmo de um comunismo rústico relacionado ao modo de vida caboclo ainda é pouco explorado, mesmo aparecendo em numerosos trabalhos publicados, mas ele se enquadra nas possibilidades analíticas que envolvem a cultura, sendo que essa passou por uma revalorização a partir dos anos de 1980, levando geógrafos e geógrafas a uma renovação

da Geografia Cultural, trazendo diferentes aspectos no repensar as abordagens desta Geografia, tais como o passado e o presente, a materialidade e a imaterialidade, a espontaneidade e o planejamento, aquilo que Haesbaert (2007) chama de vertente culturalista das noções de território, por intermédio da apropriação e da valorização de um determinado grupo social sobre o território onde vive e atua.

Desta maneira, há que se considerar que a Geografia Cultural tem como interesse as ações humanas que geram impressões no espaço geográfico. Claval (2007), estabelece como abordagem cultural a compreensão e a significação disponível meio, fruto da experiência de homens e mulheres nas suas vivências socioambientais. Assim, os lugares e os territórios concebem para cada pessoa uma experiência díspar, envoltas pelos conhecimentos pessoais, que constroem os objetos sociais. Considerando tais possibilidades analíticas, é possível afirmar que Adeodato Manoel Ramos, por meio de suas décimas, construía um olhar sobre seu mundo vivido, que envolvem as relações com a sociedade que o envolvia naquela época, desde os coronéis, passando pelo ambiente natural até a relação de ser caboclo e, depois, tornar-se líder caboclo e afrontar os coronéis dos planaltos e vales do Contestado.

Quando Adeodato, “comandante dos redutos”, é surpreendido na prisão por um prato de comida, deixa soltar em resposta uma emocionada décima:

“Quantas veiz passemos fome  
Sempre hei de me lembra,  
Nóis chupava coró crú  
Só pra fome dispersá.  
Quantas veiz adormecido  
Enfebrado eu sonhava,  
Cum pratão de revirado  
Que cheroso fumegava.  
No meu sonho eu chorava.  
Me lembrando com tristeza,  
Minha mãe ao pé do fogo  
Aprontando nossa mesa.  
Eu virava feito fera  
Se chamavo de bandido,

C'os irmão passando fome  
Eu ficava enlouquecido.  
Ia me dando uma locura  
Ca miséria nóis rondando,  
Pra acaba c'os sofrimento  
Foi o jeito i matando.  
Hoje sô um prisioneiro  
Pra Justiça devidi,  
Seja lá o que Deus quis é  
Minha sina vô cumpri.  
Bem por isso li agradeço  
Este prato de comida,  
Nada pago de resgate  
Pra alonga a minha vida.  
Eu nasci aqui no mundo  
Pra esmaga ou sê esmagado;  
Se esta vez não foi a minha  
Não me dô por derrotado!”

Logo nos primeiros versos, Adeodato se refere ao tempo de cerco, sobretudo do Reduto de Santa Maria, no Vale do Timbó, onde o povo caboclo, sob sua liderança, sentiu o horror da fome, exigindo, como últimos esforços de sobrevivência, alimentar-se de cintos, guaiacas, botinas ou qualquer outro objeto passível de conter algum nutriente para os corpos famintos - “quantas vez passemos fome, sempre hei de me lembra, nóis chupava coró crú, só pra fome dispersá” – a fome, acrescida com a falta de higiene nos meses finais dos combates com as tropas federais, geraram tantas mortes quanto a artilharia legalista, pois o reduto estava tomado pela cólera e pelo tifo. Queiroz (1977, p. 223) traz um depoimento de sobrevivente do Reduto de Santa Maria, dizendo que “uma testemunha lembra que em Santa Maria os *jagunços* (sic) devoravam cavalos e até cachorros. “aí veio a miséria, acrescenta. Comiam couro cru, correia, capa de cangalha, bruaca”. Mais do que demonstrar a penosa fome que assolou a vida cabocla ao final das ações federais, tal fala traz elementos da cultura regional cabocla, notadamente sobre os apetrechos de uso cotidiano ligados aos tropeiros e os porcadeiros, além dos ervateiros, formadores da base socioeconômica-cultural sertaneja.

“Cum pratão de revirado”, Adeodato Manoel Ramos registra um dos pratos mais importantes da cultura cabocla, base alimentar do homem e da mulher do sertão, profundamente atrelado a paisagem planaltina. Desta forma, entre o sarcasmo dos seus versos, há toda uma referência ao modo de vida sobre o território caboclo, território este de uso secular pelo povo sertanejo, que possuía uma íntima relação com o meio, seja o natural, seja o humano.

Adeodato Manoel Ramos, assume também a figura de um líder social crítico, quando diz que as pessoas que morreram no Último Reduto foram poupados do sofrimento, seja das epidemias ou da fome dilacerante de corpos enfraquecidos: “pra acaba c’os sofrimento, foi o jeito i matando” e, ao mesmo tempo, parece que Adeodato aceita seu destino, ao assumir as culpas pelos crimes que lhes estavam sendo imputados por seus captores. Caboclos e caboclas nos esforços de sobrevivência durante a guerra, no auge das expansões de domínios territoriais, saqueavam fazendas de coronéis, fazendeiros modestos e de posseiros que não aderiram ao movimento socioterritorial. Revoltava o líder Adeodato quando seus seguidores eram chamados de bandidos por irem atrás da comida que lhes eram negadas pelos cercos legalistas, transformando o sertão em um enorme campo de guerrilha, revelando a visão de mundo social de Adeodato, onde para ele o conflito era mais que religião, era uma guerra entre ricos e pobres – “eu virava feito fera, se chamavo de bandido, c’os irmão passando fome, eu ficava enlouquecido”. Suas décimas traçam pinceladas de elevada importância para se analisar o cotidiano cultural no Contestado. Tais leituras sobre o mundo social, ficam mais evidentes nas décimas que seguem:

“Trinta ano vô cantá  
Relatando as travessura.  
Que aqui neste processo  
Acoumaro de diabrura  
Me acusaro de mir morte  
Que levei à sepultura,  
Mas livre aqui do mundo  
Dei descanso às criatura  
Nada disso acho crime  
Ao contrário é bravura  
Afastei aqui do mundo  
Os que tinha vida dura

Bom pro isso tô contente  
De luta, nessas artura,  
Por tirá muito cabocro  
Das pobreza e das agruga  
Sô iguar a pica-pau  
Que quarqué maderá fura  
Sô nas carta o Rei d'Espada  
Desaforo não atura  
Sô quem toro de briga  
Por nadinha armo turra,  
Nego bão da minha raça  
Não tem chão que se apura  
Pra tirá os mar do mundo  
Tinha feito uma jura  
Ajudei nosso Governo  
A quem amo por ternura  
Acabei com deiz mir pobre  
Que livreí da escravatura  
Liquidei todos faminto  
E os doente sem mais cura  
Quem quisesse terra e escola  
Eu lis dava uma surra,  
Ajudando os do Governo  
No recheio de suas burra,  
A pobreza pro inferno  
Onde lá o diabo urra,  
Esta terra é de nós rico  
Nossas veia são mais pura!”

Essa décima, da sua condenação, traz versos sobre a imparcialidade do julgamento relâmpago a que foi submetido (FRAGA e STRADIOTO, 2019) - “as travessura que aqui nesse processo acoumaro de diabrura”, demonstrando que Adeodato percebera a soma de crimes que havia sido lançado sobre si, assim como das falas das frágeis testemunhas arrumadas pelos que lhe tinham. Na sequência, Adeodato retoma o tom sarcástico que lhe é característico, diz das pessoas que ele não apenas reconhece a autoria dos crimes, como afirma ter tirado elas da miséria. Mais à frente ele volta com esse assunto de forma mais crítica, dizendo que acabou com os famintos e os doentes, também aqueles que deveriam ser escolarizados, tirando do Governo a função de auxiliar os pobres, que eram esquecidos naquela região - “ajudei nosso governo a quem amo por ternura.

209

Acabei com deiz mil pobre que livreí da escravatura, liquidei todos faminto e os doente sem mais cura” e ainda “Quem quisesse terra e escola eu lis dava uma surra, ajudando os do governo no recheio de suas burra”. Há, nesses versos, uma contundente leitura sobre a condição social do povo caboclo, vivendo secularmente em uma região por onde os poderes públicos não passavam, não investiam e não permitiam o desenvolvimento social. Uma região mantida no esquecimento e no abandono, por parte das autoridades e governos, por conta disso, Adeodato toma para si a morte de dez mil pessoas mortas pelas ações legalistas estaduais, federais e milicianas regionais, pois esse era o desejo do estado e dos poderosos, ao condenar um caboclo e lançar sobre os ombros caboclos a culpabilidade pelos atos e pela violência gerada na Serra Acima. Desta forma, o estado se retirava limpo da guerra, lançado toda a culpa sobre a população cabocla. Adeodato, astuto, percebeu tal artimanha e deu ao estado, por meio da sua justiça burguesa, o que os responsáveis pela guerra desejavam.

É possível, ainda, entender que quando Adeodato diz em versos que é igual a um pica-pau que fura qualquer madeira, está pronunciando que a prisão não vai impedi-lo de continuar combatendo a desigualdade que sofria o povo caboclo que esteve sob sua liderança - “sô iguar a pica-pau que quarqué maderá fura, [...], nego bão da minha raça não tem chão que se apura”. Há, nesse fragmento da décima a ele atribuída elementos da vertente culturalista do território caboclo do Contestado, ao falar do chão que habita, dos elementos naturais contidos no imaginário cultural caboclo e na vida em irmandade aprendida com os ensinamentos dos monges. Ao satirizar que o território do Contestado pertence aos mais ricos, possuidores de veias (sangue) mais puro, Adeodato estabelece a relação mais profunda no que concerne a questão do poder sobre o território, território esse que tem dono, o coronel, ou os coronéis. Cabendo ao povo caboclo, ser capacho de tais senhores que possuem uma visão feudal do mundo do sertão.

Sobre Adeodato Manoel Ramos, é perceptível a imagem de um líder que possuía leitura social sobre a população por ele liderada, não era um ignorante e, mesmo, maldoso como foi pregado pela imprensa, pelos coronéis, pelos relatos militares ou pela história oficial, mas sim de uma figura de inquestionável importância e motivação social no conjunto do movimento

socioterritorial do Contestado. É certo que ao deixar em segundo plano a parte messiânica do movimento socioterritorial, mesmo sendo homem de fé, sobretudo na figura dos monges, Adeodato busca conter as injustiças sociais vividas no mundo caboclo. Seus versos, em décimas, demandam análises mais profundas, sendo este ensaio, a abertura de perspectivas futuras sobre o olhar para o mundo do líder Adeodato Manoel Ramos e, deste, para o mundo caboclo, desde o território secular por eles territorializado, até os elementos culturais para melhor compreensão da cultura e da civilização cabocla.

### **Bibliografia:**

ABREU, Marcelo de Paiva. LAGO, Luiz Aranha Correa do. **A economia brasileira no Império, 1822-1889**. In: Textos para discussão 584. Rio de Janeiro, RJ. Department of Economics PUC-RIO, 2010.

AMADO, Janaína. **Região, Sertão, Nação**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 8, 1995, p. 145-151.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

FELIPPE, Euclides J. **O Último Jagunço: Folclore na História da Guerra do Contestado**. 1º Ed. Curitiba, SC. Universidade do Contestado, 1995.

FRAGA, Nilson Cesar. **Geografias de tempos de dominação e barbárie: os movimentos socioterritoriais e as escolhas geográficas que negligenciam a formação territorial do Brasil**. In: A Dimensão política no espaço: conflitos e desigualdades territoriais na sociedade contemporânea. Organizadores: Flamarion Dutra Alves [et al.]. Alfenas, MG: Editora Universidade Federal de Alfenas, 2019, p. 84-114.

FRAGA, Nilson Cesar. STRADIOTO, Paulo Alessandro. **Geografia Jurídica do(no) Contestado: o processo contra Adeodato Manoel Ramos, 1917, na Comarca Curitiba**. Alfenas, MG, 2019.

FRAGA, Nilson Cesar. Turismo de Guerra: a possibilidade de novo tipo de turismo para o Brasil. Marco inicial – guerra do Contestado (1912-1916). **Revista PerCurso: Curitiba em Turismo**, 2002, ano 1, n. 1, p. 43-76.

FRAGA, Nilson Cesar. Contestado: A Grande Guerra Civil Brasileira. In: REZENDE, C. J; TRICHES, I. **Paraná, Espaço e Memória** – diversos olhares histórico-geográficos. Curitiba: Ed. Bagozzi, p. 228-255, 2005.

FRAGA, Nilson Cesar. **Mudanças e permanências na rede viária do contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no Sul do Brasil. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba – PR, p.188, 2006.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado em Guerra**: 100 anos do massacre insepulto do Brasil. Florianópolis: Editora Insular, 2012.

FRAGA, Nilson Cesar. Um território de invisibilidade e miséria: cem anos da maior guerra camponesa da América do Sul. In: Arno Wehling; Augusto César Zeferino; Aureliano Pinto de Moura; Gunter Axt; Helen Crystine Sanches. (Org.). **100 Anos do Contestado**: memória, história e patrimônio. Florianópolis: Ministério Público de Santa Catarina, 2013, p. 369-392.

FRAGA, Nilson Cesar. **Matos Costa, desde São João dos Pobres, um brilhante município planaltino no Contestado catarinense**. 2013. Disponível em: <<http://desacato.info/matos-costa-desde-a-sao-joao-dos-pobres-um-brilhante-municipio-planaltino-no-contestado-catarinense/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Timbó Grande, o último reduto** – Município planaltino do Contestado Catarinense, cidade das meninas de lábios de mel. 2014. Disponível em: <<http://desacato.info/timbo-grande-o-ultimo-reduto-municipio-planaltino-do-contestado-catarinense-cidade-das-meninas-de-labios-de-mel/>>. Acesso em: 12 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale da Morte**: o Contestado visto e sentido - "entre a cruz de Santa Catarina e a espada do Paraná". Blumenau: Editora Hemisfério Sul, 2015.

FRAGA, Nilson Cesar. **Semana do Centenário do Massacre de Santa Maria, Timbó Grande** (22 de março de 2015). Disponível em: <<http://desacato.info/semana-do-centenario-do-massacre-de-santa-maria-timbo-grande/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Guerra do Contestado como crime contra a humanidade**: o direito à terra e à vida - (in)certezas sobre o mundo caboclo. FÖETSCH, Alcimara Aparecida; GEMELLI, Diane Daniela; Buch, Helena Edilamar Ribeiro (Org.). Geografia do Contestado: 50 anos de fazer Geográfico. Curitiba: Íthala, 2016, p. 29- 44.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, cidades, reflexos e coisificações geográficas**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado, o território silenciado**. Florianópolis: Insular, 2017a.

FRAGA, Nilson Cesar. **Contestado: redes no Geográfico**. Florianópolis: Editora Insular, 2017b.

FRAGA, Nilson Cesar. **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas**. Florianópolis: Editora Insular, 2017c.

FRAGA, Nilson Cesar. Araucaria angustifolia - ganância, imediatismo e extermínio na região do Contestado. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). **Contestado, o território silenciado**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2017, p. 269-296.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território e Silêncio: contributos reflexivos entre o empírico e o teórico**. In: Nilson Cesar Fraga. (Org.). **Territórios e Fronteiras: (Re)arranjos e Perspectivas**. 2ª ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2017, p. 73-90.

FRAGA, Nilson Cesar. **A Cidade Coração do Contestado, história, presente e desafios**. 2018. Disponível em <<http://jornalcaboclo.com.br/index.php/2018/01/25/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado-por-nilson-cesar-frag>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Coração do Contestado: o reconhecimento e os desafios de um município catarinense, palco central da Guerra do Contestado**. 2018. Disponível em: <<http://desacato.info/coracao-do-contestado-o-reconhecimento-e-os-desafios-de-um-municipio-catarinense-palco-central-da-guerra-do-contestado/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Dossiê Vale do Contestado**. Ouvidoria do Ministério Público de Santa Catarina. Manifestação n. 20.28.1308.0029282/2019-16, 2019b, 38 p.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla**. 2019. Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 28 jun. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Vale do Contestado, uma morte anunciada, em julho de 2019, pelos que não aceitam a existência da cultura cabocla** (02 de setembro de 2019). Disponível em: <<http://desacato.info/vale-do-contestado-uma-morte-anunciada-em-julho-de-2019-pelos-que-nao-aceitam-a-existencia-da-cultura-cabocla/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar. **Território do Contestado - Sul do Brasil: a Civilização Cabocla e a Guerra do Contestado**. 2020. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE\\_JTUuw3qLBjAA](https://www.youtube.com/watch?v=AvWvpdJIP1s&feature=youtu.be&fbclid=IwAR0DJaojAi1g206V5BtzNS3aTo7Yut3jYE30HuaXQavVDE_JTUuw3qLBjAA)>. Acesso em: 27 jul. 2020.

FRAGA, Nilson Cesar; HOBAL, Michele Aparecida; FERNANDES, Rafael Carlos Prieto. Turismo de Guerra – o roteiro turístico como elemento de desenvolvimento local e regional para o interior na perspectiva de que o “Brasil oferece mais do que praias e carnaval”. Curitiba. **PerCurso: Curitiba em Turismo**, Faculdades Integradas Curitiba, a. 5, n. 5, 2006, p. 137-186.

FRAGA, Nilson Cesar; GOLÇALVES, Cleverson. **Timbó Grande, o último reduto do Contestado**: um território de muitas batalhas. In: Contestado: cidades, reflexos e coisificações geográficas. Org. FRAGA, Nilson Cesar. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

FRAGA, Nilson Cesar; GONÇALVES, Cleverson; CAVATORTA, Mateus Galvão. Contestado: o sagrado e o profano de uma guerra secular. **Geografia (Londrina)**, v. 26, n. 1, p. 143-157, 2017.

FILHO, Fadel David Antonio. **Sobre a palavra “Sertão”: Origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da ciência geográfica)**. In: Ciência Geográfica. Bauru, SP. Vol. 15, 2011

HAESBAERT, Rogério; LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **Etc., Espaço, Tempo e Crítica, Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas e outras coisas**, p. 42, 2007.

HAESBAERT, Rogério. **Território, cultura e des-territorialização**. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto L. (Org.). Religião, identidade e território. Rio de Janeiro: UERJ, 2001. LEYSHON, Andrew. MATLESS, David. REVILL, George. **The place of music**. New York: Guilford Press, 1998.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2004.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **O Sertão**. In: Terra Brasilis. 2003. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/341>>. Acessado em 03 Jul. 2020.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. Biblio 3W. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**. [En línia]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 30 de mayo de 2012, Vol. XVII, nº 978.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **O Messianismo e Conflito Social (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)**. 2º ed. São Paulo, SP. Ática, 1977.

**II CONGRESSO BRASILEIRO DA GUERRA DO CONTESTADO  
IV COLÓQUIO DE GEOGRAFIAS TERRITORIAIS PARANAENSES  
XXXVI SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL**

**18, 19 E 20 DE NOVEMBRO DE 2020**

  
UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

  
Londrina-PR

Observatório de Região e  
do Oeste do Paraná  
Paraná e Santa Catarina  
  
Universidade Estadual de Londrina  
Laboratório de Geografia, Vegetação, Meio Ambiente e Qualidade

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia de Poder**. São Paulo, SP. Ática, 1993.